

Literatura Portuguesa II

**Christina Bielinski Ramalho
Magna Maria de Oliveira Ramos
Maria Leônia Garcia Costa Carvalho**



**São Cristóvão/SE
2010**

Literatura Portuguesa II

Elaboração de Conteúdo

Christina Bielinski Ramalho
Magna Maria de Oliveira Ramos
Maria Leônia Garcia Costa Carvalho

Projeto Gráfico e Capa

Hermeson Alves de Menezes

Diagramação

Neverton Correia da Silva

Copyright © 2010, Universidade Federal de Sergipe / CESAD.

Nenhuma parte deste material poderá ser reproduzida, transmitida e gravada por qualquer meio eletrônico, mecânico, por fotocópia e outros, sem a prévia autorização por escrito da UFS.

FICHA CATALOGRÁFICA PRODUZIDA PELA **BIBLIOTECA CENTRAL**
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

Ramalho, Christina Bielinski
R165I Literatura Portuguesa II / Christina Bielinski Ramalho,
Magna Maria de Oliveira Ramos, Maria Leônia Garcia Costa
Carvalho -- São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe,
CESAD, 2010.

1. Literatura Portuguesa. I. Ramos, Maria Oliveira de. II.
Carvalho, Maria Leônia Garcia Costa. III. Título.

CDU 821.134.3

Presidente da República
Luiz Inácio Lula da Silva

Chefe de Gabinete
Ednalva Freire Caetano

Ministro da Educação
Fernando Haddad

Coordenador Geral da UAB/UFS
Diretor do CESAD
Antônio Ponciano Bezerra

Secretário de Educação a Distância
Carlos Eduardo Bielschowsky

Vice-coordenador da UAB/UFS
Vice-diretor do CESAD
Fábio Alves dos Santos

Reitor
Josué Modesto dos Passos Subrinho

Vice-Reitor
Angelo Roberto Antonioli

Diretoria Pedagógica

Clotildes Farias (Diretora)
Hérica dos Santos Mota
Iara Macedo Reis
Daniela Souza Santos
Janaina de Oliveira Freitas

Núcleo de Avaliação

Guilhermina Ramos (Coordenadora)
Carlos Alberto Vasconcelos
Elizabete Santos
Marialves Silva de Souza

Diretoria Administrativa e Financeira

Edélzio Alves Costa Júnior (Diretor)
Sylvia Helena de Almeida Soares
Valter Siqueira Alves

Núcleo de Serviços Gráficos e Audiovisuais

Giselda Barros

Coordenação de Cursos

Djalma Andrade (Coordenadora)

Núcleo de Tecnologia da Informação

João Eduardo Batista de Deus Anselmo
Marcel da Conceição Souza

Núcleo de Formação Continuada

Rosemeire Marcedo Costa (Coordenadora)

Assessoria de Comunicação

Guilherme Borba Gouy

Coordenadores de Curso

Denis Menezes (Letras Português)
Eduardo Farias (Administração)
Haroldo Dorea (Química)
Hassan Sherafat (Matemática)
Hélio Mario Araújo (Geografia)
Lourival Santana (História)
Marcelo Macedo (Física)
Silmara Pantaleão (Ciências Biológicas)

Coordenadores de Tutoria

Edvan dos Santos Sousa (Física)
Geraldo Ferreira Souza Júnior (Matemática)
Janaina Couvo T. M. de Aguiar (Administração)
Priscilla da Silva Góes (História)
Rafael de Jesus Santana (Química)
Ronilse Pereira de Aquino Torres (Geografia)
Trícia C. P. de Sant'ana (Ciências Biológicas)
Vanessa Santos Góes (Letras Português)

NÚCLEO DE MATERIAL DIDÁTICO

Hermeson Menezes (Coordenador)
Arthur Pinto R. S. Almeida
Carolina Faccioli dos Santos
Cassio Pitter Silva Vasconcelos
Edvar Freire Caetano

Isabela Pinheiro Ewerton
Lucas Barros Oliveira
Neverton Correia da Silva
Nycolas Menezes Melo

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
Cidade Universitária Prof. "José Aloísio de Campos"
Av. Marechal Rondon, s/n - Jardim Rosa Elze
CEP 49100-000 - São Cristóvão - SE
Fone(79) 2105 - 6600 - Fax(79) 2105- 6474

AULA 1

Introdução à Literatura Portuguesa II: a estética
barroca (I) Poesia 07

AULA 2

Introdução à Literatura Portuguesa II: a estética
barroca (II) Prosa 25

AULA 3

O Arcadismo em Portugal..... 41

AULA 4

Manifestações pré-românticas 53

AULA 5

A estética romântica e o contexto político-cultural 67

AULA 6

A poesia romântica portuguesa 91

AULA 7

A prosa romântica portuguesa..... 115

AULA 8

Antecedentes do Realismo em Portugal. 135

AULA 9

O Realismo na poesia portuguesa. 147

AULA 10

O Realismo na prosa portuguesa..... 165

INTRODUÇÃO À LITERATURA PORTUGUESA II: A ESTÉTICA BARROCA (I) POESIA

META

Apresentar o Barroco como movimento literário, destacando os principais nomes desse movimento em Portugal.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:
conhecer o momento histórico-social em que ocorreu o movimento artístico-literário em estudo;
analisar textos dos principais poetas e romancistas do período em Portugal;
reconhecer a importância dos estudos literários para a construção do saber e humanização da cultura.

PRÉ-REQUISITOS

Aulas de Literatura Portuguesa I.

A Biblioteca Joanina em Coimbra, Portugal. Monumento de Portugal, do estilo barroco, que abrigam os principais documentos dos séculos XVI, XVII, XVIII, contendo nos seus dois pisos, cerca de 100 mil volumes (Fonte: <http://oglobo.globo.com>)



INTRODUÇÃO

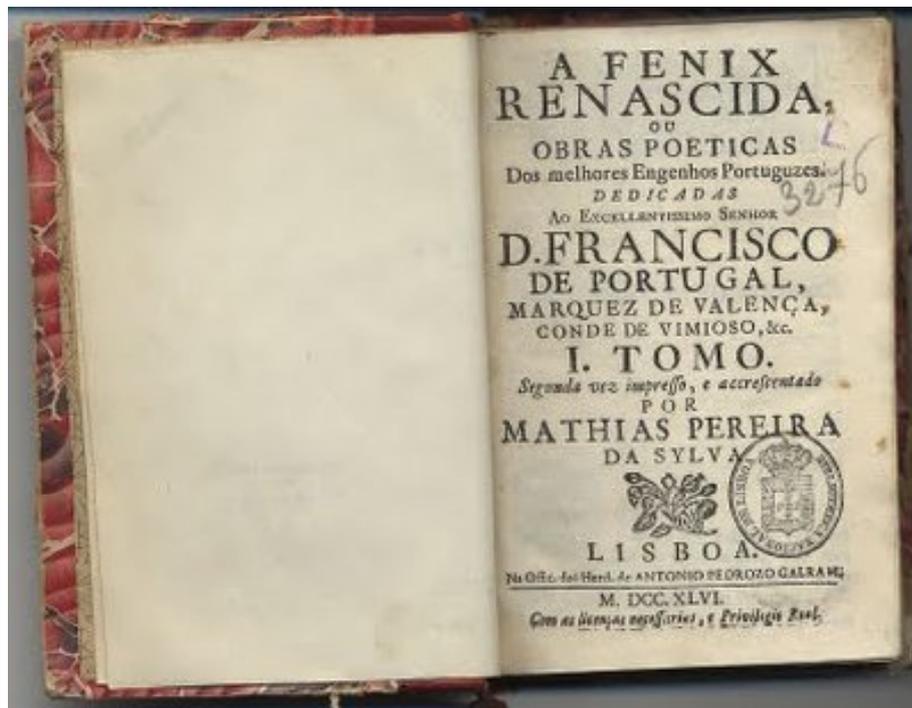
Caro aluno,

Aqui estamos para iniciarmos uma nova disciplina, Literatura Portuguesa II, dando continuidade ao assunto visto no semestre passado. Esperamos que tenha um bom desempenho e adquira conhecimentos que frutificarão, sem dúvida.

O programa deste curso visa ao estudo do Barroco ao Realismo, ou seja, do século XVII ao XIX. São três séculos de literatura portuguesa e, tendo em vista a sua extensão, destacaremos os principais escritores e poetas desse período.

Você deve ter visto muitas informações interessantes sobre o Barroco na disciplina Literatura Brasileira I. Logo, as características gerais desse movimento não serão mais uma novidade, pelo contrário, quando aparecerem, estarão sendo alvo de uma revisão, que sem dúvida será necessária para a fixação dos conteúdos estudados.

A literatura é uma matéria fascinante. Não podemos deixar de vê-la como algo que nos proporciona conhecimento, prazer, e, acima de tudo, uma profunda reflexão acerca da existência humana, dos momentos histórico-sociais por que passou a humanidade ao longo dos séculos. Os estudos literários ampliam a nossa visão de mundo e podemos estabelecer uma crítica para a construção do autoconhecimento e de uma relação mais justa entre os seres humanos. Vejamos, meu aluno, que a literatura faz tudo isso e muito mais.



Fênix Renascida foi um cancioneiro mais representativo da poesia seiscentista de Portugal. Foram publicados cinco volumes ao longo de 1716 a 1728 (Fonte: <http://1.bp.blogspot.com>)

POR QUE BARROCO?

Começemos pela palavra *barroco*. Por que esse nome? Qual é o seu significado? Segundo José de Nicola, (2000, p.94)

A origem da palavra barroco é controvertida. Alguns etimologistas afirmam que está ligada a um processo mnemônico (relativo à memória) que designava um silogismo aristotético com conclusão falsa. Segundo outros, designariam um tipo de pérola irregular, ou mesmo um terreno desigual, assimétrico.

Podemos perceber que há uma relação entre os conceitos acima e a estética barroca: jogo de ideias opostas, irregulares, rebuscamento, assimetria.

O *Barroco*, de um modo geral, refere-se a todas as manifestações artísticas dos anos 1600 e do início dos anos 1700. Chamado também de *Seiscentismo*, por ter sido dominante no século XVII. Em Portugal, esse período teve início no final do século XVI, em 1580, com a *Unificação da Península Ibérica*; por isso, o barroco lusitano, fortemente influenciado por autores espanhóis como Gôngora e Quevedo, recebeu o nome de Escola Espanhola.

OUTROS NOMES DA ESTÉTICA BARROCA

Você sabia que, na Europa do século XVII, o Barroco recebeu diferentes nomes, em alguns países, devido a influências locais?

Na Espanha: Gongorismo, derivado do nome do poeta Luís de Gôngora Y Argote (1561-1627).

Na Inglaterra: Eufuismo, derivado do título do nome “Euphues, or the anatomy of wit”, do escritor John Lyly (1554-1606).

Na Itália: Marinismo, por influência de Gianbattista Marini (1569-1625).

Na França: Preciosismo, pelo culto à forma extremamente rebuscada na corte de Luís XIV, o Rei-Sol. Havia uma afetação tão grande na linguagem, nas maneiras de galantear, que Molière, em sua comédia, satirizou os autores, escrevendo “As preciosas ridículas.”

Na Alemanha: Silesianismo, por ter sido cultivado por escritores da região da Silésia que fundaram a Escola Silesiana.

Vimos que a estética barroca difundiu-se por muitos países da Europa, predominando no século XVII; em Portugal, permaneceu até 1756, quando foi fundada a “Arcádia Lusitana”. A partir desse ano, o movimento árcade se fortalecerá embasado nas ideias dos iluministas.



Igreja São Francisco na Bahia (fontes: [www. http://i.olhares.com](http://i.olhares.com))



Interior da Igreja São Francisco na Bahia (fontes: [www. http://ic2.pbase.com](http://ic2.pbase.com))

CARACTERÍSTICAS DO BARROCO

O estilo barroco nasceu da crise dos valores renascentistas, ocasionada pelas lutas religiosas e pelas dificuldades econômicas decorrentes da falência do comércio com o Oriente. O homem do Seiscentismo vivia um estado de tensão e desequilíbrio, do qual tentou evadir-se pelo culto exagerado da forma, sobrecarregando a poesia de figuras, como a metáfora, a antítese, a hipérbole e a alegoria.

De acordo com Nicola, (2000, p.97)

A arte barroca tem um rebuscamento que resulta do conflito, da tensão do homem do século XVII, na busca de conciliar polos opostos: o sagrado e o profano, (antropocentrismo e teocentrismo), o pecado e o perdão, a religiosidade medieval e o paganismo renascentista, dilema que causava tantos tormentos ao ser humano frágil e apegado às coisas terrenas.

No barroco literário, há dois estilos marcantes: o Cultismo e o Conceptismo.

Cultismo – Caracteriza-se pela linguagem rebuscada, formal, culta, extravagante; valorizava o detalhe, mediante jogos de palavras, com forte influência do poeta espanhol Luís de Gôngora; daí tal estilo ser também conhecido como Gongorismo.

Conceptismo – Marcado pelo jogo de ideias, de conceitos, seguindo um raciocínio lógico, utilizando muitas vezes a arte da retórica. Um dos principais cultores do Conceptismo foi o espanhol Quevedo, daí o termo Quevedismo.

Podemos dizer que o Barroco é a arte da Contra-Reforma? Para alguns sim, pois as ideias do movimento estético servem aos princípios doutrinários da Igreja na luta antireformista que se inicia no século XVI, com a fundação da Companhia de Jesus (1545-1563). As expressões da prosa literária barroca revelam as intenções da Contra-Reforma e seu espírito catequizador, pragmático; visando à fusão de propósitos – o lúdico da linguagem pelo cultismo associado à dialética de uma linguagem conceptista e persuasiva, que tinha como objetivo ensinar, convencer – o Barroco mostra-se por vezes polimórfico e nem sempre coerente.

Perguntamos aqui, meu caro aluno, quais as características fundamentais da estética barroca? Podemos dizer que todas partem de uma básica: a dualidade. Na tentativa de fundir harmonicamente polos inconciliáveis como céu-terra, luz-sombra, carne-espírito, a procura da síntese ideal levou o homem barroco ao conflito, ao pessimismo e à depressão. Como poderia ele unir o espírito medieval, de base teocêntrica, ao espírito renascentista, de caráter antropocêntrico? Foi uma luta; imagine o seu esforço para atender aos apelos da carne e da alma. Disso resultou o exagero, o mau gosto na arte barroca, o ilogismo. Até compreendermos esse espírito conturbado, dividido, porque é próprio do ser humano querer gozar a vida intensamente, sem perder a glória eterna, mas a carnalização do espírito e espiritualização da carne são pólos inconciliáveis, não acha?

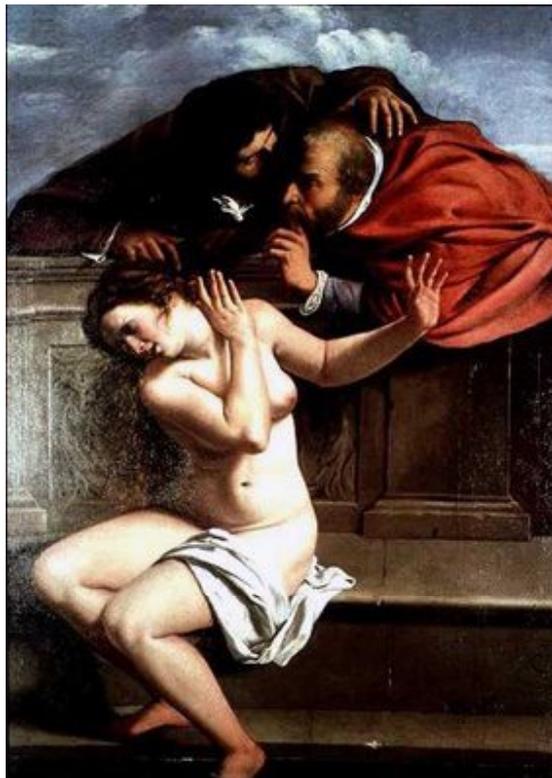
Essa dicotomia barroca corresponde a dois modos de conhecimento. Primeiro, o descritivo, em que aparece o como das coisas através dos sentidos (sinestesia) e do uso às vezes abusivo das metáforas e imagens, uma linguagem rebuscada e rica (o cultismo), que se manifesta principalmente na poesia. Esta apela para o lúdico, o prazeroso, vista no Cultismo ou Gongorismo. Segundo, há o modo de análise dos objetos no desejo de conhecer sua essência, conceituar (o conceptismo) utilizando-se da inteligência, do

método racional, lógico, discursivo, que aparece notadamente na prosa. Esses modos muitas vezes se imbricam, tornando-se difícil separá-los, pois o conceptismo pode lançar mão de recursos figurados de linguagem próprios da poesia gongórica.

Ainda convém ressaltar, em relação à estética barroca, que ela surgiu primeiro nas artes plásticas. Segundo Massaud Moisés, (1970, p.85)

A pintura, a escultura e a arquitetura traduzem, mais a primeira (a pintura) que as outras, a ânsia de conciliação que vai ao interior do Barroco. O belo feio, a linha torta, o excesso de pormenor, o desenho que foge do ponderado, do “razoável”, o jogo do claro-escuro em que a sombra ocupa lugar preponderante, são, a par de outras novidades formais, meios de exprimir a angustiosa procura da síntese das tendências opostas no homem e na cultura.

O Barroco é por isso tudo um movimento de paradoxos. É o reflexo de uma existência interior conflituosa, cujo homem navega em dois mundos, na busca de Deus e na ânsia de satisfazer os apelos da carne.



Susana e os Velhos, Artemesia Gentileschi, 1610 (fontes: [www. http://www.usc.edu](http://www.usc.edu))

O BARROCO EM PORTUGAL

Antes de discorrermos sobre a estética barroca na literatura portuguesa, é importante que conheçamos um pouco do momento histórico por que passou o país no final do século XVI. Houve crises de diversas ordens. Na Igreja Católica, um movimento formado por jesuítas (A Companhia de Jesus) lutava para combater a Reforma e reaver as “ovelhas” perdidas para a Igreja protestante. No setor financeiro, Portugal estava em plena decadência por dívidas contraídas com as grandes navegações. Na política, o rei D. Sebastião havia desaparecido na batalha de Alcácer-Quibir (na África) sem deixar herdeiro. Dois anos depois, em 1580, Portugal passara ao domínio espanhol, unificando-se a Península Ibérica. Havia em Portugal um clima de decadência por toda parte, devido à perda da independência e submissão ao governo espanhol, que perdura até 1640, quando a liberdade dos lusitanos é restaurada. O Barroco achou terreno fértil na Espanha e em Portugal e a excessiva religiosidade dos iberos fez a escola permanecer nesses países por mais de um século.

O Barroco português na poesia não teve o brilho das manifestações na prosa. Os poetas antes seguiam um modelo camoniano de rigor formal, com preferência pelo soneto, utilizando-se de uma linguagem ora cultista, ora conceptista, nunca livre da influência clássica; os autores dessa estética, em Portugal, não alcançaram altos voos por falta de inovação nas suas produções. Destaca-se um ou outro poema de maior valor literário e assim podemos dizer que não houve quem se comparasse a um Gregório de Matos, grande representante da poesia barroca no Brasil. Os principais poetas do Barroco em Portugal são Francisco Rodrigues Lobo, Jerônimo Baía e Antônio Barbosa Bacelar.

A seguir, vamos dar exemplo de poesia barroca retirada de um cancionero da época cujo título é *Fênix Renascida*.

FÊNIX RENASCIDA

É o mais representativo cancionero da poesia seiscentista portuguesa. Ao longo de seus cinco volumes, publicados de 1716 a 1728, encontramos tanto poemas cultistas quanto conceptistas, bem como poesias de influência camoniana.

Para exemplificar o jogo das construções (além do jogo das palavras e das imagens) que caracterizou a poesia cultista, transcrevemos um soneto de Jerônimo Baía, reproduzido e comentado na obra *A poesia lírica cultista e conceptista*, de Hernâni Cidade:

A F, FAVORECENDO COM A BOCA E DESPREZANDO COM OS OLHOS

Quando o Sol nasce e a sombra principia,
A doce abelha, a borboleta airosa
Procura luz ardente e fresca rosa,
Que faz a terra céu e a noite dia.

Mas quando à flor se entrega, à luz se fia,
Uma fica infeliz, outra ditosa,
Pois vive a abelha e morre a mariposa
Na favorável rosa e chama ímpia.

Fílis, abelha sou, sou borboleta,
Que com afecto igual, com igual sorte,
Busco em vós melhor luz, flor mais selecta.

Mas quando a flor é branda, a chama é forte,
Néctar acho na flor, na luz cometa;
A boca me dá vida, os olhos morte.

Em sua análise, o professor Hernâni Cidade salienta que, “excetuando o 3º verso, em que se inverte a ordem adotada, em todos os outros as duas imagens – a da abelha e a da borboleta – seguem em tal paralelismo, que é fácil, com pequenas modificações, a decomposição longitudinal do soneto em dois sonetinhos:

Quando o Sol nasce
A doce abelha
Procura a fresca rosa
Que faz a terra céu
etc.

[Quando] a sombra principia
A borboleta airosa
[Procura] a luz ardente
[Que faz] a noite dia
etc.”

A seguir, veremos o que nos diz Massaud Moisés, em seu livro, , sobre a poesia barroca (p.180 a185).

A POESIA

A poesia da época do Barroco segue as diretrizes gerais da estética vigente e fragmenta-se em gongórica e conceptista, com predominância da primeira. Poesia de entretenimento, jogo de salão, inscreve-se no pragmatismo que varre o século XVII, e ramifica-se em lírica, satírica e épica.

Representam-no poetas isolados e duas antologias, a *Fênix Renascida* (5 vols. 1716-1728, reeditada, com acréscimos, em 1746) e o *Postilhão de Apoio* (2 vols., 1761-1762). Entre os primeiros, ressaltam-se Francisco Rodrigues Lôbo e D. Francisco Manuel de Melo. E nas antologias colaboram, dentre outros, Sórora Violante do Céu, Frei Antônio das Chagas, D. Tomás de Noronha, Diogo Camacho, Eusébio de Matos, Bernardo Vieira Ravasco, Francisco de Vasconcelos, Jerônimo Baía e Antônio Barbosa Bacelar, dos quais os últimos justificam tratamento especial.

FRANCISCO RODRIGUES LÔBO



Francisco Rodrigues Lôbo

Talvez cristão-novo, nasceu em Leiria, por volta de 1580, e faleceu afogado no Tejo em fins de 1622. Cultivou a poesia (*Romanceiro/Primeira e Segunda Parte dos Romances*, 1596; *Églogas*, 1605, o poema épico *O Cond-estabre*, 1610; *Jornada... que Dom Filipe hizo a Portugal*, 1623), a novela pastoril (*A Primavera*, 1601; *O Pastor Peregrino*, 1608 e *O Desenganado*, 1614), a prosa doutrinária (*Corte na Aldeia e Noites de Inverno*, 1619).

SONETOS

Que amor sigo? Que busco? Que desejo?
Que enleio é este vão da fantasia?
Que tive? Que perdi? Quem me queria?
Quem me faz guerra? Contra quem pelejo?

Foi por encantamento o meu desejo
E por sombra passou minha alegria;
Mostrou-me Amor, dormindo, o que não via.
E eu ceguei do que vi, pois já não vejo.

Fez à sua medida o pensamento
Aquele estranha e nova fermosura
E aquele parecer quase divino;

Ou imaginação, sombra, ou figura,
É certo e verdadeiro meu tormento:
Eu morro do que vi, do que imagino.

Esses sonetos de Francisco Rodrigues Lobo não constituem dois exemplos dos altos níveis atingidos pela intuição do poeta, como também testificam nitidamente as coordenadas líricas em que se colocou. De um lado, sente-se clara a presença de Camões através da casuística do Amor e dos recursos nela empregados. De outro, percebe-se que o poeta se debate nas malhas duma lição poética que já não satisfazia inteiramente para exprimir a inquietude existencial que visitava: noutros termos, Francisco Rodrigues Lobo assimila o modelo camoniano, mas insufla-lhe uma brisa de inconformismo e rebeldia que, embora vaga, é suficiente para preludiar o movimento barroco em gestação. Em suma: o poeta situa-se nos confins entre o lirismo quinhentista, no seu afluente camoniano, e a poesia conceptista. Como sabemos que já Camões anuncia em seus sonetos a vinda do Barroco, é fácil compreender que Francisco Rodrigues Lobo apenas leva adiante, com os materiais próprios, a metamorfose inexorável que se operava no íntimo da estética clássica. Assim, camonismo vinha a ser uma espécie de fatalidade histórica. Entretanto, Francisco Rodrigues Lobo não se despersonaliza por causa disso: ao contrário, conseguiu, como poucos no tempo, ultrapassar a asfixia do magistério camoniano, e, integrando-o em seu próprio magma lírico, encontrar o seu melhor caminho. Este evidencia-se num tom de coloquialismo que empresta caráter discursivo do soneto uma simplicidade veladamente magoada, num ritmo espontâneo e emotivo típico do poeta autêntico. Por certo que Francisco Rodrigues Lobo evolui do Classicismo para o Barroco, mas como raros poetas, também entalados entre duas concepções literárias, alcançaram realizar.

JERÔNIMO BAÍA

Nasceu entre 1620 e 1630, e faleceu em 1688. Frade beneditino. Além de poeta, orador sacro. Parte de sua produção lírica se encontra compendiada na *Fênix Renascida* e no *Postilhão de Apoio*. Dentre as várias obras, tanto poéticas como em prosa, que deixou inéditas, nota-se a *Alfonsiada*, um longo poema épico em 12 cantos.

A UMA CRUELDADE FORMOSA

Madrigal

A minha bela ingrata
Cabelo de ouro tem, fronte de prata,
De bronze o coração, de aço o peito;
São os olhos luzentes,
Por quem choro e suspiro,
Desfeito em cinza, em lágrimas desfeito,
Celestial safiro;
Os beijos são rubis, perlas os dentes,
A lustrosa garganta
De mármore polido,
A mão de jaspe, de alabastro a planta;
Que muito, pois, Cupido,
Que tenha tal rigor tanta lindeza,
As feições milagrosas,
Para igualar desdêns a formosuras,
De preciosos metais, pedras preciosas,
E de duros metais, de pedras duras?

(*Fênix Renascida*, 2 ed., 1746, vol. III, p. 216.)

Típico poema gongórico, primeiro que tudo pelo seu descritivismo plástico: o poeta esmera-se em pintar a mulher amada com fartura de cores e pormenores. Para tanto, lança mão das metáforas mais rebuscadas: “são os olhos luzentes”/”celestial safiro”, “os beijos são rubis, perlas os dentes” etc. Esse engalanar de coruscâncias o objeto descrito, como que a gozar o espetáculo pictórico resultante, embora ocorra no Conceptismo, é peculiar à poesia gongórica. Por meio da descrição da “crueldade formosa”, ficamos conhecendo também um retrato da mulher barroca-tipo, ou quase-tipo: somente aparecem determinadas partes do corpo feminino, aquelas que o recato permitia fossem visíveis ao poeta: os cabelos, a testa, os olhos, a boca, os dentes, a “garganta” (ou o colo), a mão, a “planta” (ou os pés). Com exceção da cor dourada dos cabelos, denotando a permanência dum tópico de extração clássica, o mais da pintura compõe-se de lugares-comuns

do Gongorismo, via de regra oscilando entre o branco ou cognatos, em suas várias modalidades e consistências (a prata, as pérolas, o alabastro, o jaspe), e o vermelho (os rubis) ou o negro, que, porém, não aparece nesse madrigal. Às filigranas da comparação entre a mulher e os metais e as pedras se acrescenta outra “mania” gongórica, ou seja, o retorcimento da sintaxe, por vezes desembocando em hermetismos e labirintos insondáveis: é o que se observa nos seis versos finais, formando período interrogativo. Com efeito, às galas imagéticas, o poeta junta outro motivo de vaidade poética, vale dizer, o requinte lógico elevado ao nível da obscuridade. Que pretenderia dizer? Parece-me que tencionava perguntar o seguinte a Cupido: serão de estranhar desdêns da “crueldade formosa”, já que a sua beleza se iguala à preciosidade e à dureza dos metais e das pedras preciosas? Assim, a sutileza da indagação, tão enovelada quanto pedia o empenho do poeta barroco em “discreto” e “agudo”, com rebuscamento das imagens, enriquecendo-as com a homenagem camuflada que o poeta presta à bem-amada. A sensação decorrente é de que o poeta brinca, pratica exercício verbal, arma um espetáculo para os sentidos, sobretudo os olhos: exemplar chapado de poesia gongórica.

ANTÔNIO BARBOSA BACELAR

Nasceu em Lisboa, em 1610, e faleceu em 1663. Após doutorar-se em Leis pela Universidade de Coimbra, dedicou-se ao magistério e à magistratura. Alguns de seus poemas foram reunidos na *Fênix Renascida*, mas a porção maior de sua obra, em verso e em prosa, nunca veio a lume.

A UMA AUSÊNCIA

Sinto-me, sem sentir, todo abrasado
No rigoroso fogo que me alenta;
O mal que me consome me sustenta;
O bem que me entretém me dá cuidado.

Ando sem me mover; falo calado;
O que mais perto vejo se me ausenta;
E o que estou sem ver mais me atormenta;
Alegro-me de ver-me atormentado.

Choro no mesmo ponto em que me rio;
No mor risco me anima a confiança;
Do que menos se espera estou mais certo.

Mas se de confiado desconfio,

É porque entre os receios da mudança,
Ando perdido em mim como em deserto.

(Fênix Renascida, 1 ed., 1716, vol. I, p. 161).

Você percebeu que este soneto obedece ao modelo ensinado por Camões, seja pelo tema, seja pelo modo de tratá-lo? Com efeito, a ausência, real ou imaginária, e o emprego de paradoxos e antíteses para exprimi-la constituem pedra de toque no lirismo camoniano. Mas, como vimos, o tratamento conferido ao tema já pressagiava claramente o advento do Barroco, de forma a tornar Camões um precursor ou arauto da nova estética. Daí que, desejando expressar semelhante sentimento, Antônio Barbosa Bacelar recorresse ao poeta quinhentista: talvez sentisse que os ligava para além dos vínculos próprios à emulação, uma profunda afinidade interior. Tal afinidade, acrescida duma autêntica vocação poética, singulariza-o entre os seus contemporâneos. E explica a sua tendência para a poesia conceptista, como se depreende do soneto transcrito: o manejo habilidoso dos conceitos, segundo um cerrado esquema de antinomias, ou de teses e antíteses que jamais se resolvem em sínteses, dado o contorno dilemático ou problemático da matéria posta em causa, tudo conduzindo para o entendimento do objeto, em vez de para a sua descrição (como procediam os gongóricos). Observe-se, porém, um aspecto que afasta Antônio Barbosa Bacelar do seu mestre: conquanto se fundamente numa verídica experiência das coisas, percebe-se que, tirante o seu matiz epigonal, o soneto padece do fato de seguir muito à risca uma receita, e transformar, por isso, em maneirismo o que em Camões era fruto de profundas vivências e da conjuntura coeva. Tem-se a impressão de que o poeta barroco se utiliza do paradoxo pelo paradoxo e do exercício logístico como fim em si, vale dizer, sem o racionalismo e o transcendentalismo platônico peculiar à lírica de Camões: na verdade, o que separa o modelo camoniano de seus discípulos barrocos é a falta, nos segundos, duma cosmovisão metafísica e racionalista para sustentar-lhes as antíteses e os conceitos. Assim, apesar de Antônio Barbosa Bacelar constituir-se num dos mais distintos poetas barrocos, e o soneto escolhido, numa obra-prima, impõe-se concluir que o conceptismo pecou pelo amaneiramento emprestado aos clichês camonianos e pela carência duma visão transcendentalista do mundo; portanto, dir-se-ia que o conceptismo, na vertente camoniana, pode ser entendido como “Camões sem metafísica e sem racionalismo”. (MOISÉS, p.180 a185)

CONCLUSÃO

O Barroco insere em nossa cultura a forma dicotômica de ver as coisas. Dividimos e entendemos o mundo através de forças opostas. Sustentamos o luxo, bebemos o “vinho” ao prazer carnal, mas queremos ser salvos e entrar na vida eterna. Falamos em morte como algo natural, no entanto, agarramo-nos a vida. Temos consciência do pecado, buscamos o perdão divino, porém continuamos a pecar.

O Barroco abre espaço, portanto, para as humanidades, pois permite que as coisas terrenas cheguem às artes. As escolas artístico-literárias passam, são substituídas, enquanto estilos de época; contudo, jamais deixamos as angústias, as dúvidas, os excessos, o abandono, as contradições, enfim, as paixões. Por tudo isso, ainda hoje podemos dizer que conservamos uma alma barroca

RESUMO



O Barroco é um período artístico-literário que predominou no século XVII, daí o nome Seiscentismo, por corresponder aos anos 1600. Apesar de sua origem espanhola, este movimento ocorreu em muitos países da Europa e da América Latina. Sofreu forte influência da Contra-Reforma cujo espírito religioso é visto nas ideias de busca da salvação. Procurando viver intensamente, devido à fugacidade do tempo, mas consciente da necessidade de Deus, o homem barroco vive angustiado, na dúvida, quanto ao caminho a ser escolhido e, por isso, tenta fundir polos inconciliáveis como o sagrado e profano.

Suas principais características são o cultismo e o conceptismo; aquele busca o culto à forma, ao exagerado uso das figuras e metáforas (cultismo); este utiliza-se de conceitos, de um jogo de ideias, de silogismos. (Explicar no box o que é silogismo)

O Barroco, acima de qualquer coisa, é um estilo de época feito de paradoxos. É o reflexo dos conflitos entre o corpo e a alma, a carne e o espírito, a matéria e a religião. Constrói-se a partir de diferenças e contrastes, e estabelece em toda oposição uma identidade. Seus temas mais frequentes são a efemeridade da vida, religiosidade, a busca da salvação através do perdão, o desejo de viver prazerosamente enfim, a dúvida, a angústia, o eterno dilema de abrigar em si forças opostas.

ATIVIDADES

Dados os sonetos, interprete-os, buscando no seu conteúdo a temática e as características da estética barroca. Elabore um comentário sobre cada poema interpretado, destacando os aspectos mais relevantes do seu conteúdo (estados de alma do eu lírico) e da linguagem (principais figuras de linguagem, vocabulário).



I

Fermosos olhos, quem ver-vos pretende
A vista dera em preço, se vos vira,
Que inda por perder-vos a sentira,
A perda de não ver-vos não se entende;

A graça dessa luz não na compreende
Quem, qual ao Sol, a vós seus olhos vira,
Que o cego Amor, que cego deles tira,
Com vossos próprios raios a defende.

Não pode a vista humana conhecer
Qual seja a vossa cor, que a luz forçosa
Não consente mostrar tanta beleza;

Se eu, que em vendo-a ceguei, pude ainda ver,
Uma cor vi, porém, cor tão fermosa
Que me não pareceu da natureza.

(Poesias, sel., pref. e notas de Afonso Lopes
Vieira, Lisboa, Liv. Sá da Costa, 1940, pp. 77 e 78.)

II

A F, FAVORECENDO COM A BOCA E DESPREZANDO COM
OS OLHOS

Quando o Sol nasce e a sombra principia,
A doce abelha, a borboleta airosa
Procura luz ardente e fresca rosa,
Que faz a terra céu e a noite dia.

Mas quando à flor se entrega, à luz se fia,
Uma fica infeliz, outra ditosa,
Pois vive a abelha e morre a mariposa
Na favorável rosa e chama ímpia.

Fílis, abelha sou, sou borboleta,
Que com afecto igual, com igual sorte,
Busco em vós melhor luz, flor mais selecta.

Mas quando a flor é branda, a chama é forte,
Néctar acho na flor, na luz cometa;
A boca me dá vida, os olhos morte.

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

Como os textos em análise são sonetos, ou seja, poemas de forma fixa, não há necessidade de análise formal, no que concerne à quantidade de estrofes, ao número de versos nas estrofes e ao número de sílabas de cada verso. Apenas indique o esquema rímico (disposição e tipos de rimas). Concentre sua análise nos aspectos do conteúdo, tais como, sentimentos do eu-lírico, linguagem, objetividade e subjetividade e as características da escola.



AUTOAVALIAÇÃO

Após a leitura dessa aula, sou capaz de entender como aconteceu o surgimento do Barroco na Europa? Posso listar algumas características do período em estudo e reconhecê-las nos textos analisados? Quanto ao Barroco em Portugal, posso entender a importância do movimento para esse país? Tornou-se claro para mim por que o Barroco resultou da Contra-Reforma? Aprendi que o homem barroco é conflituoso por ter assimilado experiências medievais e modernas, encontrando-se no século XVII dividido entre mundos contrastantes?



PRÓXIMA AULA

Na próxima aula você verá o Barroco e suas manifestações na prosa, com destaque para os principais nomes: Padre Antonio Vieira, Dom Francisco Manuel de Melo e Sórora Mariana do Alcoforado.

REFERÊNCIAS

LOPES, Oscar; SARAIVA, Antonio José. **História da literatura portuguesa.**

MASSAUD, Moisés. **A literatura portuguesa.** São Paulo: Cultrix, 2008.

_____. **A literatura portuguesa através de textos.** São Paulo: Cultrix, 2008.

NICOLA, José de. **Literatura portuguesa. Das origens aos nossos dias.** São Paulo: Scipione, 2000.